

Artigo 2

Tema
CEGUEIRA

*SOBRE A CEGUEIRA, A DEFICIÊNCIA E A ESCRAVIDÃO: O CASO AFRICANO**

João Vicente Ganzarolli de Oliveira

RESUMO

Tudo leva a crer que existe uma relação direta entre o estigma da deficiência e o da escravidão no continente africano. Não é à toa que se costuma dizer que a escravidão tem a idade da África. Apoiando-se na experiência que tive em solo africano e numa bibliografia tão confiável quanto possível, este artigo tenta esclarecer algumas implicações daquela relação mencionada.

ABSTRACT

All leads to the belief that there is a direct relation between the stigma of handicap and that of slavery on the African continent. Not without a reason, it is usually said that slavery is as old as Africa. Supported by my experience on African ground and by a biography as reliable as possible, this article tries to clarify some implications of the above-mentioned relationship.

Sempre me lembrarei de uma conversa que tive na África, há alguns anos, com um médico da Organização Mundial de Saúde. Era um homem admirável que já havia trabalhado como especialista num grande número de países subdesenvolvidos. Eu evocava diante dele os azares da indústria. Estávamos no terraço de um café. Ele me escutava em silêncio. Passou diante de nós, acompanhado de uma criança raquítica, um mendigo ainda jovem que se arrastava de um modo aflitivo de se ver. Nós lhe demos algumas moedinhas. Então o médico me disse em tom discreto: "Você não acha que deveríamos começar por ajudá-los a se alimentar e a se curar?" São lições a não serem esquecidas.¹

Mais vale prevenir do que remediar, disse-me Hassan Nungu, a respeito do problema da cegueira na Tanzânia. O senhor Nungu é professor na principal escola tanzaniana para deficientes (a Tanzanian Resource Assessment Centre for Disabled Children [TRACED]), em Dar es Salaam, capital e maior cidade desse país africano. Conversamos durante minha visita a essa instituição, em julho de 2001; eu havia sido convidado por R. Y. Mbonia, diretor de uma seção da TRACED destinada ao ensino dos cegos. Baseado na conversa entre nós três, bem como em experiências similares que tive noutros países africanos e também em algumas leituras recentes, este artigo fala da cegueira, da deficiência e da escravidão na África. Para muitas sociedades africanas, as cifras que falam da cegueira e da deficiência são imprecisas. Elas traduzem mal essa

realidade quantitativa, o que pode ser atribuído a práticas antigas, mas ainda em vigor na África: os cegos e demais deficientes são, muitas vezes, mantidos fora do alcance do olhar dos outros; crê-se que a sua deficiência é efeito de uma maldição ou de alguma espécie de castigo do destino.

A sentença de Hassan Nungu sobre a importância da prevenção contra a cegueira confirma os dados da Organização Mundial da Saúde relativos aos países do Terceiro Mundo. É verdade que a maioria dos casos de cegueira nesses países poderiam ser evitados.² Mbonia et Nungu disseram-me que muitas crianças tanzanianas que moram na zona rural ficam cegas devido à falta de hábitos de higiene. Essas crianças não são ensinadas a lavar o rosto com a frequência necessária. Restos de comida atraem os mosquitos, que causam danos irreparáveis aos olhos: seja diretamente, ferindo a própria córnea; seja indiretamente, transmitindo doenças como a oncocercose, que provoca a cegueira e se espalha de forma endêmica em certas partes da África. Sua origem está no verme *Onchocerca volvulus*, transmitido pela picada do *Similium damnosum*, um mosquito típico da África e da América Latina. De acordo com uma estimativa recente da OMS, apenas na África existem 17 milhões de pessoas infectadas pelo *Onchocerca volvulus*.³ Apesar dos esforços de Mbonia, Nungu e de muitos outros educadores especializados, a situação é crítica em lugares como Dodoma, a segunda maior cidade da Tanzânia. A quantidade de oftalmologistas é pequena demais em relação ao número de habitantes — aliás, uma situação típica na maioria dos países africanos.

No passado, em especial abaixo do Saara, era comum que uma criança nascida cega fosse abandonada ou simplesmente morta.⁴ Hoje essa prática já não existe, ao menos em grande escala. Mas existem maneiras diferentes de matar. Nos campos e vilarejos da Tanzânia é usual que as famílias escondam seus membros deficientes do resto da sociedade. Conforme já se disse, na África a deficiência está culturalmente associada ao estigma da maldição e do castigo — e nisto as sociedades africanas situam-se muito mais perto da regra que da exceção, se as compararmos com outras.⁵ Não admira que a segregação do deficiente comece no próprio ambiente familiar; e também que esse procedimento se ligue à pobreza, um problema crônico para a maior parte da população africana. Encontrar um trabalho que permita viver com dignidade: eis uma tarefa normalmente difícil na África, mesmo para os africanos que não têm qualquer tipo de deficiência. A competição é enorme em, virtualmente, todos os gêneros de trabalho. Não surpreende, pois, que a situação seja ainda mais difícil para alguém que não pode caminhar, ver, escutar ou raciocinar nos moldes normais para um ser humano. Conforme Mbonia faz questão de sublinhar, a boa instrução escolar é mais um tema problemático, pois tende a ser cara e, portanto, inacessível para a maioria dos africanos.

Diretamente ligado ao Exército da Salvação, o *Mtoni Deaconic Centre* é mais uma das instituições de Dar es Sallam, que se dedicam ao ensino e à reabilitação dos deficientes. Segundo me disse a voluntária australiana

Frida Kinghomela, também em julho de 2001, de cada cem pessoas que passam pelo *Mtoni*, apenas quatro conseguem trabalho. Não se pode esquecer que, na África, "o inseto é mais perigoso que a fera, e o micróbio mais ainda que o inseto".⁶ Conforme pude constatar no *Mtoni Deaconic Centre*, muitas feridas simples, geralmente em crianças, e que poderiam ser curadas com algumas doses de antibiótico, evoluem para um quadro de gangrena e resultam em amputações. Isto se deve ao costume de recorrer aos curandeiros, que quase sempre não curam e ainda contribuem para que se agravem os males que afligem os pacientes. E o mais estranho — e por que não dizer revoltante? — é que não há um interesse concreto em modificar essa situação, comum não só na Tanzânia, mas também em muitas outras partes da África. É moda hoje o preconceito às avessas, manifesto em clichês como este que diz que o "cultural" é "bom" *a priori*. Que o curandeirismo é uma prática cultural, evidentemente que sim. Mas vejamos os frutos desta prática: está claríssimo que ela *não é boa para os pacientes*.⁷

Considere-se que - excetuando o Egito, a Etiópia, a Líbia, a Tunísia, a Argélia e o Marrocos - poucos países africanos haviam alcançado um nível civilizatório, propriamente dito, antes que as potências europeias já industrializadas se estabelecessem na África, dando origem ao período colonial para esse continente. De uma forma geral e principalmente ao sul do Saara, as sociedades africanas preferiram o nomadismo à vida sedentária. Isso se explica pela hostilidade da terra africana, em que os solos de boa qualidade são uma exceção. Valendo pouco ou nada como bem imóvel, a terra possuída não poderia servir como critério de riqueza para as sociedades subsaarianas.⁸ Uma sociedade era considerada rica ou pobre segundo o número de escravos que ela tinha à sua disposição. Muito antes da chegada dos europeus no século XV e também da difusão do Islã (iniciada no século VII), a escravidão era uma prática corrente na África. A maioria dos países africanos são muito jovens como entidades políticas. O sentimento de nacionalidade tem sua origem na Europa do século XIX, época em que a escravidão começa a ser abolida. Não por coincidência que o mesmo período também marca o fim da prática de eliminar os cegos e deficientes em geral, sobretudo graças à atuação dos médicos e missionários europeus.

Mbonia e seus colegas do TRACED dizem que muito ainda precisa ser feito para que se abandone a mentalidade discriminatória na África — a mesma que serve de suporte tanto para a escravidão do ser humano quanto para a eliminação daqueles que são deficientes. Em princípio, a escravidão nada tem a ver com a cor da pele. A diferença entre senhores e escravos era basicamente uma questão de poder; a lei do mais forte ditava as regras. As situações particulares poderiam ser invertidas, conforme as circunstâncias: os senhores de hoje serem os escravos de amanhã e vice-versa. Este quadro ajuda a explicar por que ainda hoje a vida humana não é vista como um valor em si para muitas sociedades africanas. Considerar o simples ato de viver como um direito inviolável de todos os homens é uma idéia bastante nova na África. A bem dizer, pouco importa a sociedade

em causa, o baixo nível social do escravo faz com que ele seja visto como um homem inferior. Ele sofre o mesmo tipo de estigma que freqüentemente se projeta sobre o deficiente.

Ao menos numa parte da sua história, muitas sociedades (possivelmente a maioria delas) legitimaram a escravidão e também a eliminação dos seus membros deficientes. E isso nada tem a ver com o grau de sofisticação cultural. A Grécia, no zênite da sua história, tinha leis referentes à eliminação do deficiente. Epicteto, um dos mais brilhantes filósofos romanos, era escravo de origem. Não é preciso insistir na exemplificação. É este o ponto central: todo argumento em prol da escravidão e da eliminação dos deficientes nasce de uma concepção *a priori*, segundo a qual alguns homens teriam um grau de humanidade inferior aos outros - daí a idéia de suprimir-lhes a liberdade ou até mesmo a vida, em benefício daqueles considerados superiores. Para saber se essa prerrogativa é ou não correta, seria preciso perguntar antes de tudo em que consiste exatamente o homem. Mas eis que nos deparamos com outra pergunta: é possível que se chegue a uma definição perfeita do homem? Desde a Antiguidade os filósofos tentam defini-lo. Uma vez que pertencemos ao grupo das criaturas vivas, é natural que todas essas definições tenham um substrato biológico: o homem é o animal que tem mãos, que fabrica ferramentas, que fala, que tem aspirações estéticas e assim por diante. E, contudo, descobertas recentes em solo africano nos levaram a concluir que a existência do homem precede o uso tecnológico das mãos, a sociabilidade, o sentido da beleza e até mesmo a prática da linguagem articulada.⁹ Se isso é correto, as definições clássicas do homem não são precisas, já que o consideram num estágio biológico sempre mais avançado em relação à sua origem. O interesse espontâneo e desinteressado pela beleza, aquilo que define o homem como "animal estético", tudo leva a crer que surge apenas no paleolítico superior, juntamente com a chegada do *Homo sapiens sapiens*, há cerca de 40 mil anos.

Sendo impossível dizer exatamente o que é o homem, a idéia de que alguns homens teriam um grau de humanidade mais baixo do que outros revela-se problemática já nas suas bases. Um homem que não utiliza as mãos e por isso não faz seus próprios instrumentos; no entanto ele pode dar provas da sua humanidade, pintando com a boca e com os pés: é justamente este o caso do pintor espanhol Christóbal Moreno-Toledo e de muitos outros no mundo inteiro.¹⁰ Se um homem é desprovido da sua língua, ele não é capaz de falar; mas ele ainda pode exprimir seus sentimentos através de um código improvisado, dando sentido ao movimento das pálpebras, por exemplo.¹¹ Se um homem não pode ver, não lhe é possível pilotar um avião; mas ele ainda pode ser músico, tal como o norte-americano Stevie Wonder.

A cegueira, a deficiência e a escravidão não são meras abstrações; são realidades interdependentes na África. Dizendo que mais vale prevenir do que remediar, o educador tanzaniano Hassan Nungu expressa uma verdade que não se aplica apenas à cegueira e à deficiência em geral. A sentença de

Nungu adapta-se a muitos outros problemas que atingem a África. No momento em que escrevo este artigo (agosto de 2004), a maioria das idéias e projetos da TRACED ainda não se traduziram em resultados práticos. "Roma não foi construída em um dia", diziam os antigos europeus. O mesmo adágio aplica-se à África. Iniciativas como as do senhor Mbonia e da sua equipe da TRACED já representam um começo. E isso já é muito. Pois, como sabiam os gregos, o começo é a metade do todo.

NOTAS DE RODAPÉ

* O autor agradece aos amigos Sylvie Frouin, Mauro Lino do Nascimento, Miriam Luz Jammett Diaz, Baleia Mink e Ana Thereza Castro da Silva pelas suas importantes sugestões.

1. Jean Rigotard. *L'incertaine bataille du développement*, Paris, Privat, 1967, p. 16. Livro oportuníssimo este de Jean Rigotard. A essência do que diz há quase quarenta anos é perfeitamente aplicável aos nossos dias. Na quarta capa, e.g., é dito que, mais ainda que no enorme custo material dos projetos que visam ajudar aos países pobres, é preciso que se pense "nas dificuldades concernentes a uma tomada de consciência quanto à verdadeira natureza [de tais projetos]. Existem as pessoas que, abertamente ou de uma forma dissimulada, recusam-se a participar. Há também as que se engajam num estado de espírito falseado, tanto do lado dos países industrializados quanto do lado das jovens nações em vias de desenvolvimento". Um detalhe a ponderar: quem quer que tenha ido a um país realmente pobre, como costumam ser os países da África, vê que é um eufemismo falar em "vias de desenvolvimento", como fala o autor. Enfim, não me parece que lhe tenha restado outra alternativa e isto em nada compromete a validade do seu discurso.

2. Cf. Daniel Vaughan, Taylor Asbury et alii. *Oftalmologia geral* (trad. Ana Luisa Hoffling de Lima et alii), São Paulo, Atheneu, 1990, p. 390.

3. Cf. Gordon C. Cook. *Manson's Tropical Diseases*, 20th ed., Londres, Saunders, 1996, pp. 244-245. Para informações ainda mais atualizadas sobre a oncocercose, ver Ricardo Pereira Igreja et alii. *Medicina tropical: Abordagem atual das doenças infecciosas e parasitárias*, Rio de Janeiro, Cultura Médica, 2001, v. I, pp. 347-351.

4. Há alguns decênios, Léopold Sédar Senghor definia a África como um lugar onde não existiam fronteiras, "nem mesmo entre a vida e a morte" (apud Pierre Bertaux. *África: Desde la prehistoria hasta los años sesenta* [trad. Manuel Ramón Alarcón], Madrid, Siglo XXI, 1994, p. V).

5. Falo sobre isso no livro *Do essencial invisível: arte e beleza entre os cegos*, Rio de Janeiro, Revan/FUNARTE, 2002, p. 124sq.

6. Pierre Bertaux. *África. Desde la prehistoria hasta los años sesenta*, op. cit., p. 9.

7. Não é inútil lembrar que a escravidão ainda existe em várias partes do mundo. Sob diversas formas, às vezes camufladas, pode-se constatar a sua presença em países pobres como a Tailândia, a Mauritânia, o Brasil, o Paquistão e a Índia. Isso sem falar em focos menores, inclusive no Primeiro Mundo (veja-se o livro impressionante de Kevin Bales: *Disposable People: New Slavery in the Global Economy*. Universidade de California, 1999).

8. Como não lembrar aqui das palavras luminosas de Jean Rigotard? Ei-las: "A existência de regiões subdesenvolvidas é efeito da geografia; a existência de países subdesenvolvidos é efeito da história. E quando este ou aquele chefe de Estado africano há pouco independente [lembre-mos de que seu livro foi escrito na década de 1960] declara: 'Nós somos vítimas ao mesmo tempo da história e da geografia', ele coloca o problema do subdesenvolvimento no seu verdadeiro contexto, que é o das relações internacionais depois da Segunda Guerra Mundial e das promessas de toda natureza que surgiram relativas à possibilidade de ajudar

aos países do Terceiro Mundo" (*L'incertaine bataille du développement*, op. cit., p. 9).

9. Cf. Richard Leakey. *L'origine de l'humanité* (trad. Jean-Pierre Ricard), Paris, Hachette, 1997, pp. 167 et passim.

10. Nascido em 1941, Christóbal Moreno-Toledo vive numa cadeira de rodas desde a infância. No que concerne à sua pintura, a boca é para ele o que as mãos são para a grande maioria dos pintores do mundo: "Há beleza em tudo na vida", disse-me ele por ocasião do nosso encontro nos arredores de Córdoba em julho de 2001, e também ao escritor Marc Alexander alguns anos antes (cf. *Painters First*, Kingsley, Leader Books, 1995, p. 183).

11. Jean-Dominique Bauby, um jornalista francês, perdeu a capacidade de falar e o controle dos membros devido a um acidente ocorrido em 1997. "Falando" através do ritmo do movimento das pálpebras, ele não apenas conseguiu se comunicar com outras pessoas, mas também "escrever" um livro em que conta a sua experiência impressionante (cf. *Le scaphandre et le papillon*, Paris, Robert Laffont, 2000).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, Marc. *Painters First*. Kingsley: Leader Books, 1995.

BALES, Kevin. *Disposable People. New Slavery in the Global Economy*, Universidade de California, 1999.

BAUBY, Jean-Dominique. *Le scaphandre et le papillon*. Paris: Robert Laffont, 2000.

BERTEAUX, Pierre. *África: Desde la prehistoria hasta los años sesenta*. Trad. Manuel Ramón Alarcón. Madrid: Siglo XXI, 1994.

COOK, Gordon C. *Manson's Tropical Diseases*. 20th ed., London: Saunders, 1996.

IGREJA, Ricardo Pereira et alii. *Medicina tropical: Abordagem atual das doenças infecciosas e parasitárias*. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 2001, v. I.

LEAKEY, Richard. *L'origine de l'humanité*. Trad. Jean-Pierre Ricard. Paris: Hachette, 1997.

OLIVEIRA, João Vicente Ganzarolli de. *Do essencial invisível: arte e beleza entre os cegos*. Rio de Janeiro: Revan/FUNARTE, 2002.

RIGOTARD, Jean. *L'incertaine bataille du développement*. Paris: Privat, 1967.

João Vicente Ganzarolli de Oliveira é Professor Doutor da Escola de Belas-Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).